

VII Congresso Latino-Americano de Estudos do Trabalho. O Trabalho no Século XXI: mudanças, impactos e perspectivas

GT 18 – Psicologia Social do Trabalho na América Latina: identidades e processos de subjetivação, saúde dos trabalhadores, práticas e produção de sentidos no cotidiano.

**Perspectivas interdisciplinares para o estudo do cotidiano de trabalho: interfaces entre antropologia, ergologia e psicologia social do trabalho**

**Fábio de Oliveira** (USP, PUC-SP)

## **Perspectivas interdisciplinares para o estudo do cotidiano de trabalho: interfaces entre antropologia, ergologia e psicologia social do trabalho**

Este estudo teve como objetivo desenvolver a análise, o debate e o aprofundamento teórico e metodológico dos estudos sobre a vida cotidiana no trabalho. A investigação envolveu o diálogo interdisciplinar entre a antropologia do trabalho, a ergologia e psicologia social do trabalho e sistematizou as contribuições mútuas entre esses campos, suas aproximações e seus afastamentos na tematização e apropriação da atividade humana no trabalho a partir da perspectiva do cotidiano. A análise comparativa destacou alguns eixos que diferenciam as formas de aproximação ao objeto, que se referem às relações estabelecidas entre saberes práticos e técnico-científicos e aos modos de intervenção sobre as situações de trabalho. A localização em cada um desses eixos depende da maior ou menor filiação às tradições da antropologia ou da ergonomia. As abordagens comparadas compartilham o interesse por conhecer o trabalho real, o valor conferido aos conhecimentos dos trabalhadores e a sensibilidade para as dimensões micropolíticas do cotidiano. Processo Fapesp nº 2011/11627-9.

## **Introdução**

A presente pesquisa, desenvolvida como estudo de pós-doutoramento no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (Processo Fapesp nº 2011/11627-9), teve como objetivo desenvolver a análise, o debate e o aprofundamento teórico e metodológico dos estudos sobre a vida cotidiana no trabalho. Partindo, por um lado, da constatação de semelhanças consideráveis entre algumas abordagens do trabalho e, de outro, do vislumbre das possíveis contribuições dos estudos sobre o cotidiano para o desenvolvimento dessas mesmas abordagens, a presente investigação buscou comparar três perspectivas sobre o trabalho – antropologia do trabalho, ergologia e psicologia social do trabalho –, por meio da sistematização das contribuições mutuas entre esses campos científicos, suas aproximações e afastamentos na tematização e na apropriação do objeto, buscando situar os estudos sobre o trabalho no debate mais amplo sobre cotidiano e sociedade e tendo como guia a interrogação sobre como o cotidiano figura em cada uma dessas abordagens na apreensão de situações concretas de trabalho.

## **Resultados**

Cada uma a seu modo, as abordagens do trabalho analisadas nesta revisão crítica conferem valor aos pequenos acontecimentos do dia a dia de trabalho e é justamente por isso que uma aproximação com os estudos sobre o cotidiano faz-se importante.

Partindo de nossa própria disciplina de origem, a psicologia social do trabalho (Spink, 1996), e do interesse pelo cotidiano como perspectiva para a compreensão do trabalho humano (Sato, Bernardo & Oliveira, 2008; Sato & Oliveira, 2008), buscamos saber como outras disciplinas dedicadas ao estudo do trabalho tematizam o cotidiano ao debruçarem-se sobre seu objeto.

A antropologia deixou um legado considerável à psicologia social e à ergologia. Não só no que diz respeito à etnografia e a toda a discussão metodológica que suscita, mas no que se refere também às formas de compreender a cultura e a alteridade. Pelo caminho que tem construído no contexto brasileiro, a psicologia social do trabalho estabeleceu interfaces com a antropologia e as demais ciências sociais (Andrada, 2010; Sato & Oliveira, 2008).

Do mesmo modo, a ergologia tem sua dívida com a antropologia, como demonstram as referências de Schwartz (2011) aos estudos de Leroi-Gourhan (1945) como sendo um dos pontos de partida da abordagem ergológica (Schwartz, 2000a,

2000b; Schwartz & Faïta, 1985), ao lado de Oddone (1984), de Canguilhem (1947) e da ergonomia da atividade (Danielou, 2004).

Além da antropologia, outra disciplina que merece destaque pela influência que exerceu sobre o campo de estudos do trabalho é a ergonomia. Seu legado faz-se sentir sobretudo na ergologia e na psicologia social, mas é de chamar a atenção, por exemplo, que os conceitos de “trabalho prescrito” e “trabalho real”, popularizados por Ombredane e Faverge (1955), mesmo que tenham passado por desenvolvimentos posteriores nas mãos de diversos outros autores, estejam presentes em muitos estudos sobre o trabalho humano (Teiger, 1993), incluindo a antropologia do trabalho (Durão & Marques, 2001, p. 58).

Antropologia e ergonomia apresentam-se como polos de um eixo central que, como fomos capazes de apreender, organiza as abordagens sobre as quais nos debruçamos neste estudo e introduz nuances nos modos de compreensão do cotidiano de trabalho, especialmente no que se refere às formas de aproximação ao objeto, seja nas relações estabelecidas entre saberes práticos e técnico-científicos, seja nos modos de intervenção sobre as situações de trabalho.

Assim, um segundo eixo derivado do primeiro diz respeito às diferenças entre a postura antropológica, de conhecer o trabalho tal como ele é e com a menor intervenção possível do observador, e a postura do ergonomista da atividade, de ter os conhecimentos dos trabalhadores como prioridade e centrais, mas de considerar que os conhecimentos técnico-científicos que detém devem se somar aos primeiros.

Note-se que a ergonomia, embora priorize os saberes operários, por constituir-se como uma ciência ou arte da intervenção sobre o trabalho e como um campo interdisciplinar que conta, entre outros, com engenheiros e técnicos de segurança, priorizou em seu processo de desenvolvimento o diálogo entre saberes locais e saberes técnico-científicos. Isso aparece de forma amadurecida na abordagem ergológica em sua proposição de um “dispositivo dinâmico de três polos”, como viu-se acima.

As três abordagens analisadas compartilham um profundo respeito pelo conhecimento dos trabalhadores e atribuem a ele um papel fundamental na tarefa de compreender o trabalho. É possível reconhecer em alguns momentos porém que, tanto os estudos antropológicos, quanto a vertente da psicologia social do trabalho que destacamos neste texto, assumem uma postura diante de seu objeto que aprendemos com a própria antropologia: vai-se a campo mais para saber o que pensam os trabalhadores

sobre o seu trabalho do que como detentores de algum saber sobre esse trabalho, por mais modesto que seja.

Essas diferenças refletem-se nas configurações das metodologias de pesquisa e de intervenção, o que compreendemos como um terceiro eixo diferenciador, que se revela nas tensões entre os objetivos de conhecer a complexidade do trabalho e o de transformá-lo. Isso não quer dizer que sejam objetivos opostos ou que conhecer não forneça elementos para a transformação ou, ainda, que a transformação não pressuponha conhecer. O fato é que o antropólogo do trabalho, nas investigações que analisamos, conduz sua ação mais como o etnólogo que se aproxima de outra sociedade do que o engenheiro de segurança que tem o que dizer sobre a proteção de máquinas.

O compromisso com a mudança do trabalho contém um risco, se não inserido em uma dimensão temporal: se apenas são buscadas as mudanças a curto prazo, o par investigador-trabalhador submete-se ao possível, ao “razoável”, e perde-se o horizonte das mudanças mais profundas ou a consciência da constante contradição que subjaz as relações de trabalho em nossas sociedades.

Para todos os propósitos, entretanto, compreendemos que a questão coloca-se sobre a perspectiva da intervenção ser direta ou indireta, tendo em vista que o horizonte das abordagens analisadas é emancipatório.

Outra nuance explicitada especialmente pela ergologia é a compreensão da existência de uma certa “opacidade inerente a toda experiência” (ver Athayde & Brito, 2011, p. 267), de modo que não se pode “ter no protagonista da atividade um fiel informante, portador da verdade sobre o que faz” (p. 167), tendo em vista que a experiência não está lá pronta para ser comunicada, o que exige do trabalho de pesquisa o diálogo ativo entre pesquisadores e trabalhadores.

As abordagens do trabalho no campo da psicologia social percorrerem esses três eixos, localizando-se em diferentes pontos de distância e proximidade em relação aos polos correspondentes.

Apesar das diferenças apresentadas, a compreensão de que o trabalho é um mundo a conhecer, em alguma medida velado e enigmático, é compartilhada pelas abordagens que são objeto da presente comparação. Do mesmo modo, a compreensão de que o trabalho é espaço de produção intersubjetiva, no qual o simbólico faz a mediação entre pessoas e meio técnico. Por isso, o foco nos processos construtivos, isto é, naquilo que se produz em termos simbólicos (saberes coletivos, micropolítica) e materiais

investidos simbolicamente (técnicas, formas de enfrentamento da realidade).

## **Conclusões**

As contribuições mais importante da antropologia, da ergologia e da psicologia social para o campo dos estudos sobre o trabalho são aquelas que colaboram para redefinirem o valor dos pequenos acontecimentos do dia a dia de trabalho, demonstrando como a análise dessas dimensões “microscópicas” pode lançar luz sobre o fenômeno do trabalho como um todo. Assim, nossa análise situou o debate sobre o cotidiano de trabalho nessas três abordagens, discorrendo sobre suas contribuições para a compreensão e a transformação da vida no trabalho.

Embora enfatizem dimensões distintas das realidades que estudam, as três disciplinas reconhecem o valor dos saberes coletivamente construídos na atividade e lançam luz sobre as tensões micropolíticas que produzem o acontecer do trabalho.

O reconhecimento dos saberes práticos dos trabalhadores tem muitas implicações. Ele modifica a relação entre a ciência e seu objeto e lança desafios talvez incontornáveis à ideologia gerencial, isto é, revela-se um tipo de gestão feito pelos próprios trabalhadores e que, a final de contas, torna o trabalho possível.

Quanto às tensões micropolíticas, elas revelam-se, por exemplo, nas pequenas tentativas de reassumir o controle sobre o trabalho por meio dos processos de replanejamento ou renormatização (conceitos da psicologia social do trabalho e da ergologia, respectivamente) e das micronegociações que envolvem. Essas pequenas ações do dia a dia são guiadas por saberes construídos na relação com o trabalho e com outros trabalhadores e podem se revestir com um caráter de resistência.

Destacamos, ainda, a relação entre o cotidiano de trabalho e os processos sociais mais amplos de reprodução social e de mudança. Nesse ponto, questionamos se as pequenas ações de resistência do cotidiano estabelecem relações com as ações coletivas mais visíveis, aspecto que mereceria ser mais aprofundado em estudos posteriores.

## **Referências**

Andrada, C. F. (2010). Etnografias em psicologia social: notas sobre uma aproximação fecunda. *Ponto Urbe* (Núcleo de Antropologia Urbana da USP), 7.

- Athayde, M. & Brito, J. (2011). Ergologia e clínica do trabalho. In: P. F. Bendassolli & L. A. P. Soboll (Orgs.), *Clínicas do trabalho: novas perspectivas para a compreensão do trabalho na atualidade* (258-281). São Paulo: Atlas.
- Canguilhem, G. (1947). Milieu et normes de l'homme au travail. *Cahiers Internationaux de Sociologie*, 3, 120-136.
- Daniellou, F. (Org.) (2004). A ergonomia em busca de seus princípios: debates epistemológicos. São Paulo: Edgard Blücher.
- Durão, S. & Marques, E. M. (2001). Os vidreiros e a máquina, o tipógrafo e o designer: reflexões sobre antropologia do trabalho. *Etnográfica*, 5 (1), 47-68.
- Leroi-Gourhan, A. (1945). *Evolution et techniques* (vol. 2, Milieu et techniques). Paris: Albin Michel.
- Oddone, I. (1984). La communauté scientifique élargie. *Revue Société Française*, 10, 28-33.
- Ombredane, A. & Faverge, J. M. (1955). *L'analyse du travail*. Paris: PUF.
- Sato, L., Bernardo, M. H. & Oliveira, F. (2008). Psicologia social do trabalho e cotidiano: a vivência de trabalhadores em diferentes contextos micropolíticos. *Psicologia para América Latina*, México, 15.
- Sato, L. & Oliveira, F. (2008). Compreender a gestão a partir do cotidiano de trabalho. *Aletheia*, 27 (1), 188-197.
- Schwartz, Y. (2000a). A comunidade científica ampliada e o regime de produção de saberes. *Trabalho e Educação*, Belo Horizonte, 7, 38-46.
- Schwartz, Y. (2000b). Trabalho e uso de si. *Pro-Posições*, 1 (5), 34-50.
- Schwartz, Y. (2011). Conceituando o trabalho, o visível e o invisível. *Trabalho, Educação e Saúde*, 9 (supl. 1), 19-45.
- Schwartz, Y. & Faïta, D. (1985). *L'homme producteur*. Paris: Éditions Sociales.
- Spink, P. K. (1996). A organização como fenômeno psicossocial: notas para uma redefinição da psicologia do trabalho. *Psicologia & Sociedade*, 8 (1), 174-192.
- Teiger, C. (1993). L'approche ergonomique : du travail humain à l'activité des hommes et des femmes au travail. *Education Permanente*, 3 (116), 71-96.